



## **Além da Esquina: histórias de mulheres que se prostituem em São Paulo**

Felipe Seiji ODA

Nathalia Ziemkiewicz de Carvalho PINTO

Orientador: Professor Paulo Ramos

Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, SP

### **RESUMO**

Muitos olhares alcançam a mulher da esquina sem enxergar a via extensa de sua vida, as ruas paralelas, os becos sem saída. O que escondem essas silhuetas anônimas tão expostas à libido, à piedade, ao repúdio? Dez mulheres prostitutas que trabalham (ou trabalharam) na cidade de São Paulo contam como vivem, o que pensam e sentem quando se despem das fantasias pagas por clientes. Com histórias e perfis diferentes, Joana, Mel, Bianca, Linette, Bia, Charlene, Akemi, Bernadete, Bruna Surfistinha e Cleone revelam como estereótipos são frágeis quando aproximamos o olhar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Prostituição – São Paulo; Prostitutas; Sexo – aspecto social.

### **INTRODUÇÃO**

Elas sempre estiveram no nosso caminho. De casa para o trabalho, num passeio rápido a qualquer hora do dia, quando o semáforo fechava ou cruzávamos uma esquina. Mas eram “só” algumas prostitutas com a bolsa a tiracolo negociando ou à espera de um cliente. Jovens, senhoras, magras, gordas... Nossos olhares acostumados a alcançar aquelas silhuetas anônimas começaram a se encher de perguntas: para onde – e para quem – elas retornavam depois dos programas?

Não era tipo de coisa que se esclarece como quem abre a janela do carro e pede uma informação sobre uma rua desconhecida. Também não seriam nos livros de antropologia, ciências sociais ou documentos governamentais que encontraríamos nossas respostas. Eles apresentavam tratados sobre o funcionamento das sociedades até o surgimento da prostituição, a analisavam sob uma perspectiva antropológica ou forneciam dados estatísticos.

Nossa curiosidade era sobre coisas mais prosaicas – e não menos importantes – da vida dessas mulheres, que nos pareciam infinitamente distantes. Queríamos o conteúdo porque o contorno era visível, era vitrine, era negociável. Descobrimos as histórias de Joana, Mel, Bianca, Linette, Bia, Charlene, Akemi, Bernadete, Bruna e Cleone. Elas foram nosso furo



de reportagem: notícias nada factuais, mas contadas de um jeito diferente. De dentro para fora, da mulher para a profissional do sexo.

## **OBJETIVO**

Mostrar a vida da mulher prostituta e seu cotidiano “fora das ruas”: esse foi o objetivo que pautou os autores durante a execução deste trabalho. O intuito era dizer que elas são, antes de qualquer coisa, gente. E quão humanamente podiam parecer com mães, irmãs, vizinhas e amigas que conhecemos.

Descobrimos crenças religiosas, formas de encarar dificuldades, carências, sonhos, frustrações, alegrias, conflitos familiares, válvulas de escape... Relatamos como vivem, o que sentem e pensam algumas prostitutas que trabalham na capital paulista – vindas, muitas vezes, de outras regiões do país.

As questões levantadas ao longo dos capítulos refletem, por exemplo, o que as próprias mulheres consideraram aspectos positivos e negativos dessa “vida”: solidão, preconceito, ganhos financeiros, liberdade, etc.

## **JUSTIFICATIVA**

Ao buscar uma definição para a palavra “prostituição” no dicionário *Houaiss* (versão online), é possível perceber o tom pejorativo e depreciativo aplicado: “atividade institucionalizada que visa ganhar dinheiro com a cobrança por atos sexuais”; derivação por extensão de sentido - “vida devassa, desregrada; libertinagem”; derivação sentido figurado - “aviltamento, desonra, rebaixamento”. Desde a própria etimologia, as prostitutas estão cercadas de um sentimento coletivo de exclusão, inferioridade.

A elas foi dado um rótulo raso e preconceituoso, que ignora sua complexidade como ser humano. Invisíveis aos olhos da sociedade e marginalizadas nas esquinas do país, elas estão longe de possuir a chamada “vida fácil”. São pessoas que sofrem com os preconceitos do estigma; enfrentam a violência dos companheiros, dos clientes, da polícia; estão mais vulneráveis às doenças sexualmente transmissíveis; sentem-se solitárias apesar dos ganhos financeiros e da relativa autonomia; demonstram intensa dificuldade em estabelecer vínculos afetivos e de confiança.

No Brasil, a prestação de serviços sexuais não é considerada crime. Foi reconhecida pelo Ministério do Trabalho e do Emprego, mas não está regulamentada – ou seja, não garante direitos trabalhistas. Na Classificação Brasileira de Ocupações define da seguinte forma a atividade das prostitutas: “Batalham programas sexuais em locais privados, vias públicas e



garimpos; atendem e acompanham clientes homens e mulheres, de orientações sexuais diversas; administram orçamentos individuais e familiares; promovem a organização da categoria. Realizam ações educativas no campo da sexualidade; propagandeam os serviços prestados”.

Enquanto quem negocia o corpo não pode ser penalizado, toda a estrutura que envolve a prostituta está sujeita ao Código Penal do país por meio dos artigos 228 (favorecer a prostituição), 229 (manter casa de prostituição) e 231 (promover, intermediar ou facilitar a entrada, no território nacional, de pessoa que venha exercer a prostituição ou a saída de pessoa para exercê-la no exterior).

De comum acordo com reivindicações de organizações não-governamentais e grupos de profissionais do sexo, o deputado Fernando Gabeira (PV-RJ) elaborou o projeto de lei n98/2003 para excluir tais artigos da legislação e exigir a regulamentação da “profissão mais antiga do mundo”. No relatório enviado para votação na Câmara dos Deputados, escreveu: “A prostituição é uma atividade contemporânea à própria civilização. Embora tenha sido, e continue sendo, reprimida inclusive com violência e estigmatização, o fato é que a atividade subsiste porque a própria sociedade que a condena a mantém. Não haveria prostituição se não houvesse quem pagasse por ela. (...) O único caminho digno é o de admitir a realidade e lançar as bases para que se reduzam os malefícios resultantes da marginalização a que a atividade está relegada”.

O projeto de lei foi rejeitado em novembro de 2007 pela Comissão de Constituição de Justiça e Cidadania, que acolheu o parecer do relator, deputado Antônio Carlos Magalhães Neto (DEM-BA). Contrário à proposta, Magalhães alegou que a aprovação beneficiaria os empresários do sexo, exploradores das garotas de programa. Na época, em entrevista ao jornal O Globo, disse: “Caso reconhecêssemos a prostituição como profissão e déssemos o direito de se fazer um ato jurídico a partir dela, não tenho dúvidas de que estaríamos estimulando a proliferação no Brasil da indústria do sexo. (...) A grande maioria das prostitutas no país não escolhe essa atividade como caminho, mas como imposição. Então é uma questão de protegê-las”.

A polêmica da prostituta com carteira de trabalho e aposentadoria é extensa. Mas cabem perguntas mais amplas: caso consigam essa conquista, terão o respeito da sociedade? Serão vistas além do problema social e do tabu sexual que representam? Pouco provável. A própria mídia não contribui para discutir o tema: ora trata a prostituição de forma glamurosa em novelas, ora apela para seu caráter sexual. Abordagens que constroem mais estereótipos.



No Brasil, apesar de a prestação de serviços sexuais ser legalizada, as prostitutas permanecem marginalizadas. Nem mesmo a inclusão da atividade na lista de Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), do Ministério do Trabalho e do Emprego, livrou do preconceito as mulheres em situação de prostituição. Sequer colaborou para a criação, em 2002, do Sindicato das Meretrizes do Estado de São Paulo.

O governo carece de dados sobre a quantidade de prostitutas. Sabe-se que, ao menos dez mil delas estão cadastradas na Rede Brasileira de Prostitutas, instituição formada por 32 associações de várias regiões brasileiras. Um número que a presidente, Gabriela Leite, considera muito aquém da realidade. Graças a empecilhos como a vergonha das prostitutas em assumirem-se como tal.

O único levantamento oficial sobre as profissionais do sexo, *Avaliação da Efetividade das Ações de Prevenção Dirigidas as Profissionais do Sexo, em Três Regiões Brasileiras*, não teve como objetivo quantificar a população de mulheres exercendo a atividade, mas avaliou as ações e medidas de prevenção a doenças sexualmente transmissíveis. Elaborado em 2004 pelo Ministério da Saúde e pelo Programa Nacional de DST e Aids, o estudo traçou o perfil da mulher em situação de prostituição a partir de 2.712 prostitutas entrevistadas.

Foi detectado que a maioria tem entre 20 e 30 anos, não completou o primeiro grau, ganha de um a quatro salários mínimos e está na atividade há menos de cinco anos. Dessas, 1.293 trabalham nas ruas, bares ou boates e fazem os programas em hotéis. Quanto ao sexo, 67% alegaram que utilizam preservativo com os clientes, enquanto apenas 20% afirmaram se proteger nas relações com os companheiros fixos.

## **MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Definida a problemática do tema, recorreremos primeiramente às referências bibliográficas. Elas nos muniram teoricamente acerca da prostituição e do objeto de estudo, as prostitutas. Fizemos um levantamento das principais questões que envolviam seu universo: aspectos históricos, estigma e preconceito, marginalização na sociedade, legalização da profissão, vulnerabilidade, saúde, violência, cidadania, falta de perspectivas de vida, envolvimento com drogas, dificuldades para sair da prostituição, relação com o dinheiro, conflitos familiares, pressões emocionais e psicológicas, entre outros. Montamos uma espécie de roteiro, com todas as abordagens que pautariam nossas entrevistas.

Feito isso, listamos as principais organizações governamentais e não-governamentais direcionadas às prostitutas e às mulheres em situação de vulnerabilidade. Agendamos visitas e fomos conhecer o trabalho que desenvolvem. Na época, imaginávamos que eles



seriam canais de acesso às futuras personagens do livro-reportagem. Não foi bem assim. Apesar de nos recepcionarem com simpatia e servirem de ajuda por serem fontes bastante especializadas no assunto, as entidades não colaboraram no sentido de nos apresentar ou fornecer o contato de profissionais do sexo. Também não permitiram que acompanhássemos o trabalho de campo, momentos em que encontramos as mulheres nas praças, prives e casas noturnas. Temiam que fazendo isso pudessem romper com o delicado vínculo de confiança que tanto demoraram a construir com elas.

A *Associação Fala Mulher* foi a primeira a nos alertar sobre o sentimento das prostitutas em relação aos pesquisadores e jornalistas: “Elas não querem mais servir de dados para pesquisa. Ficaram arredias. Dizem se sentir como bichos num zoológico, em que as pessoas observam para ver que reações terão”. O máximo que nos autorizaram foi aparecer em um almoço de encontro para que apresentássemos o projeto e nos colocássemos a disposição das interessadas. Discursamos por cinco minutos para cerca de trinta mulheres, avisando que nosso contato estaria com a presidente da associação, caso alguém topasse dar entrevista. Não tivemos sequer um retorno.

Seguimos então, sozinhos, atrás de prostitutas. Não sem antes anotarmos algumas recomendações, como não abordá-las durante o expediente. Esse tipo de atitude assustaria clientes e chamaria a atenção de cafetões, o que colocaria em risco os repórteres e as profissionais. A solução encontrada foi procurar anúncios em sites de acompanhantes, jornais e Orkut. Preparamos um arquivo com seus nomes, descrições e telefones. A idéia era reunir contatos com diferentes idades, etnias, locais de atendimento, serviços prestados, preços de programa. A partir de então, nos dedicamos a ligar para mais de 200 mulheres de dia, de tarde, de noite.

Perdemos as contas dos eternos sinais de ocupado, das ligações que caíam direto na caixa postal, dos números que não existiam mais ou estavam fora de ar. Muitas duvidavam da seriedade do trabalho, reclamavam que era trote, inventavam uma desculpa para desligar. Outras, até eram educadas, mas preferiam manter suas histórias em sigilo (ainda que garantíssemos o anonimato) ou não tinham tempo para nos atender pessoalmente. Quase todas pediam cachê, o que sempre lhes foi negado. E algumas, para nossa feliz surpresa, agiam como se esperassem pelo momento de abrir suas almas. Havia, ainda, quem não entendesse como poderia ser tão interessante para virar capítulo de livro.

Levamos tantos furos que nos habituamos – depois de muita frustração. Por duas vezes fomos até Guarulhos na tentativa de conversar com uma acompanhante de luxo, que nos deixou sentados na praça de alimentação de um shopping por duas horas e não apareceu. A



partir de então, combinávamos a entrevista e, na data e horário marcados, ligávamos para ter certeza de que o encontro aconteceria. A maioria tem rotinas imprevisíveis e, claro, não recusaria um cliente por nossa causa.

Às que toparam participar, demos total liberdade para a escolha do local de encontro. Alguns aconteceram em suas casas e/ou locais de trabalho, o que ampliou nosso poder de observação e agregou em muito o resultado final. Os demais aconteceram em estabelecimentos comerciais, como bares, restaurantes e padarias. Nestas circunstâncias, a presença de estranhos acanhou as entrevistadas e o som ambiente atrapalhou a gravação digital.

## **DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

O livro-reportagem, com aproximadamente 120 páginas, é estruturado em doze capítulos. O primeiro capítulo, “Breve Retrato da Prostituta Brasileira”, busca traçar um panorama da prostituição e o perfil desta profissional no país.

Os dez capítulos seguintes abordam, separadamente, dez temas muito presentes neste universo tratados através das histórias de dez mulheres que são ou já foram prostitutas em São Paulo.

A última parte do livro traz os bastidores da produção do livro: cada autor conta as impressões vividas pelo outro ao longo da experiência acadêmica.

## **CONSIDERAÇÕES**

Acreditamos que os relatos contidos no livro-reportagem sobre a vida de dez prostitutas de São Paulo podem ser tomados como referência para questões emocionais, familiares, econômicas e de vulnerabilidade de outras profissionais do sexo em todo o país. Dessa forma, o microcosmo retratado pode ser reproduzido em escalas maiores, proporcionando compreensão de importantes aspectos dessa minoria marginalizada.

Além disso, o fato de a prostituta ser apresentada antes de tudo como mulher, com angústias, problemas e anseios iguais aos de tantas outras, procura aproximá-la da realidade do leitor. Talvez esse olhar contribua para diminuir o estigma que as profissionais do sexo carregam. E que o julgamento alheio não seja gratuito.

Para nossa formação jornalística, a produção deste trabalho de conclusão de curso possibilitou o exercício prático dos conceitos aprendidos ao longo dos quatro anos. No início do projeto, a pesquisa bibliográfica acerca da prostituição nos lembrou da importância de selecionar, no material colhido, as informações relevantes.



Partimos então para a identificação e classificação das questões que seriam incluídas em um roteiro de perguntas discutidas mais para frente com as fontes, especialistas e profissionais do sexo. Com estas últimas pudemos desenvolver também a argumentação para convencê-las a participar do projeto, tarefa nada fácil.

O sucesso das entrevistas também foi resultado do nosso esforço em criar um ambiente confortável e amistoso às fontes. Em diversos momentos avaliamos até que ponto a cumplicidade e envolvimento estabelecidos com as mulheres não comprometeriam nossos textos. Essa relação nos fez delimitar e enxergar de maneira mais clara o limite ético da imparcialidade que a profissão nos exige. Mantivemos o distanciamento profissional, mas aproveitamos a proximidade para extrair informações e confissões relevantes.

A realização deste trabalho proporcionou mais do que um aprendizado profissional: entrar em contato com pessoas, lugares e situações tão distantes da nossa realidade foi uma experiência enriquecedora. No momento em que nos colocamos diante de cada mulher para ouvi-las, precisávamos nos despir de preconceitos. Para entendê-las de verdade (com seus rancores, agressividade, conformismo, bom-humor, etc), era fundamental enxergar os contextos em que elas se encontravam. E, sem dúvida, esse exercício provocou mudanças em nós. Saímos, ao final do livro-reportagem, mais angustiados e com uma visão menos superficial sobre o outro.

Prostituta é pauta quando se envolve em escândalo com famosos, vira personagem de novela, número de estatística social ou criminalidade. Para nossa surpresa, nem mesmo as entrevistadas compreendiam como suas histórias pessoais poderiam interessar sequer os dois jornalistas ali presentes. Precisamos convencê-las do contrário.

Para elas era fácil falar de trabalho, de homem e sexo. Os silêncios, o olhar perdido, o embaraço, a agressividade ou o choro vinham quando perguntávamos dos filhos, dos companheiros, do futuro, do passado... Nosso desafio foi, antes de tudo, convidá-las a refletir sobre suas próprias vidas – tarefa delicada – sem garantir-lhes qualquer remuneração. Muitas recusaram por falta de tempo, desinteresse, exigência de cachê e outros motivos. Mas as que aceitaram o fizeram como se realmente precisassem reencontrar – e nos revelar - algum canto escondido dentro de si.

A cada mulher que conhecíamos, nos víamos um pouco mais livres de nossas inseguranças. Os relatos eram curiosos, engraçados, emocionantes, revoltantes, insólitos. Superavam nossas expectativas. *Além da Esquina: histórias de mulheres que se prostituem em São Paulo* foi se delineando enquanto exercitávamos nossa visão, que se desfazia de



estereótipos e enxergava mais do que silhuetas anônimas. Elas não são vítimas ou heroínas. Tentamos nos despir de pré-conceitos: não nos cabe julgá-las ou transferir-lhes um rótulo qualquer.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDALLAH, Ariane. A Puta Que Pariu. Revista TPM, São Paulo, Edição 65. Disponível em <<http://revistatpm.uol.com.br/65/putas>>. Acesso em: 20.fevereiro.2008.
- ARAÚJO, Rogério. Prostituição: artes e manhas do ofício. Cânone, 2006.
- BEIJO DA RUA. Disponível em <<http://bejodarua.com.br>>. Acesso em: 02.maio.2008.
- BORTOLETO, Renata; DINIZ, Ana Laura; IZAWA, Michele. Contos de bordel – a prostituição feminina na Boca do Lixo de São Paulo. São Paulo: Carrenho, 2003.
- BRUM, Eliane. A Vida que ninguém vê. Arquipélago Editorial, 2006.
- BRUNS, Maria Alves de Toledo; FARINHA, Marciana Gonçalves. Adolescente Profissionais do Sexo. Campinas, SP: Editora Átomo, 2006.
- CANNITO, Newton. Confissões de acompanhantes. São Paulo: Sá Editora, 2008.
- CARVALHO, Evelyn Raquel; BORGES, Suzana Maria. Babados e Batalhas – A Difícil Vida Fácil das Profissionais do Sexo em Curitiba; Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de Tuiuti do Paraná, 2005.
- DA VIDA. História. Disponível em <<http://daviida.org.br>>. Acesso em: 01.maio.2008.
- DUQUE, Alejandra. A agenda de Virgínia. Planeta do Brasil, 2006.
- ESPINHEIRA, Gey. Divergência e prostituição: uma análise sociológica da comunidade prostitucional do Maciel. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984.
- FONAI, Ana Carolina Vieira e DELITTI, Maly. Algumas contingências mantenedoras do comportamento de prostituir-se. *Rev. bras.ter. comport. cogn.* [online]. Disponível em: <[http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-55452007000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452007000100008&lng=pt&nrm=iso)>.
- FONSECA, Cláudia. A dupla carreira da mulher prostituta. Revista de Estudos Feministas; v.4; nº 1/96; pg. 7/33; Rio de Janeiro: 1996.
- FONSECA, Guido. História da prostituição em São Paulo. São Paulo: Resenha Universitária, 1982.
- HOUAISS, Dicionário da Língua Portuguesa. Pesquisa por prostituição. Disponível em <<http://www.biblioteca.uol.com.br>> . Acesso em: 12.abril.2008.
- LAGENEST, J.P. Barruel de. Mulheres em leilão – um estudo da prostituição no Brasil. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1975.





- LÚCIA, Amara. A difícil vida fácil – a prostituta e sua condição. Petrópolis: Vozes, 1984.
- MARTIN, Denise. Riscos na prostituição - Um olhar antropológico. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP: Fapesp, 2003.
- MICHAELIS. Moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE, Avaliação da efetividade das ações de prevenção dirigidas às profissionais do sexo, em três regiões brasileiras/ Secretaria - Executiva, Coordenação Nacional de DST e Aids. – Brasília: Ministério da Saúde, 2003.
- MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO.CBO – Classificação Brasileira de Ocupações. Pesquisa sobre profissionais do sexo. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/busca/descricao.asp?codigo=5198>. Acesso em: 12.abril.2008.
- OLIVEIRA, Vanessa de. O diário de Marise – a vida real de uma garota de programa. São Paulo: Matrix, 2006.
- PACHECO, Raquel. O doce veneno do escorpião – o diário de uma garota de programa. São Paulo: Panda Books, 2005.
- PACHECO, Raquel. O que aprendi com Bruna Surfistinha – lições de uma vida nada fácil. São Paulo: Panda Books, 2006.
- RAGO, M.L.. Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930.Rio de Janeiro: Paz na Terra, 1991.
- TRINDADE, Eliane. As meninas da esquina – Diários dos sonhos, dores e aventuras de seis adolescentes do Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- VIZEU, Rodrigo. "Contrato entre cliente e prostituta não cumpriria função social", diz ACM Neto. O Globo Online, Rio de Janeiro. Disponível em <http://oglobo.globo.com/pais/mat/2007/11/12/327127193.asp>. Acesso em: 20. novembro. 2008